

A QUESTÃO DA IDENTIDADE IDIOMÁTICA: A PRONÚNCIA DAS VOGAIS TÔNICAS E PRÉ-TÔNICAS NA VARIEDADE PADRÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Regina Célia Pagliuchi da Silveira
PUC/SP

Esta comunicação está situada na área da Fonética e Fonologia e trata da pronúncia do português brasileiro no ensino de PLE, de forma a focalizar a variação lingüística para as vogais pré-tônicas, a partir de uma arquinorma televisiva irradiada pela TV Globo.

Os resultados apresentados são parciais e participam de uma pesquisa mais ampla sobre a pronúncia idiomática do Português brasileiro.

Como se sabe, embora seja muito importante, a questão da identidade idiomática brasileira tem merecido pouca atenção tanto para a pesquisa quanto para o ensino do português brasileiro como língua estrangeira. Conseqüentemente, o material existente para o ensino da pronúncia brasileira não tem propiciado minimizar as dificuldades existentes para a desestrangeirização oral dos aprendizes de PLE.

Este trabalho representa uma tentativa de descrição de um aspecto lingüístico determinado, ou seja, a pronúncia das vogais pré-tônicas, de forma a elucidar a co-variação sistemática entre estrutura lingüística do português e estrutura social, no uso efetivo da língua. Tem-se por objetivo específico apresentar resultados obtidos de uma pesquisa que vem sendo realizada com a arquinorma, o “globês”, a partir de análises do material gravado na coleta da pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo, confrontado-as com análises de material gravado na coleta da pronúncia de outros apresentadores de jornais diários da TV Globo e de outros canais televisivos.

O corpus, em análise, até o momento, está constituído de gravações de 09 apresentadores de notícias, correspondendo a 27 horas de gravação (3 minutos por informante), compreendendo os noticiários Bom Dia São Paulo, SPTV, Jornal das 7:00, Jornal Nacional. Uma equipe de 13 pesquisadores, coordenados pela autora deste texto, realizou as transcrições, que foram revistas por todos os membros da equipe. Constituiu-se, assim, um material de análise, para o qual se procurou seguir o maior rigor metodológico na transcrição dos dados e do qual foram selecionados os dados referentes à pronúncia das vogais pré-tônicas do português, nas variáveis da referida arquinorma televisiva.

A seguir são apresentados os pressupostos, resultados obtidos e suas discussões:

1. A questão da pronúncia idiomática

Tratar da pronúncia idiomática do brasileiro é tratar de uma unidade na diversidade de pronúncias, representativas de nossos diferentes grupos sociais que povoam uma imensa região geográfica na América do Sul.

Como se sabe, considerar a língua como fenômeno social e cultural, no âmbito de regiões geográficas urbanas e rurais, em busca de uma identidade idiomática, é enfrentar questões complexas que exigem multidisciplinaridade devido à inter-relação com outros aspectos, tais como o cognitivo, o histórico, o ideológico, o político.

Em realidade, o que se constata, no uso efetivo da língua, é uma multiplicidade de variedades lingüísticas, que se apresentam como freqüências de realizações (normas), relativas às classes sociais a que pertençam os usuários da língua; estas diferenciam-se por idade, nível de escolaridade, atividades profissionais, situação geográfica, etc. Além disso, os indivíduos que usam uma determinada variedade lingüística apresentam variações, pois a fala de cada um deles (norma individual, idioletal) pode diferir consideravelmente da fala dos demais que usam a mesma variedade.

Estas variações, embora casuais, não são livres, como o foram consideradas, anteriormente, pelos dialetólogos; mas, estão determinadas por fatores extra e intralingüísticos, mesmo no nível do idioleto. Logo, embora não se possa prever em que ocasiões as variações (como o indivíduo falará desta ou daquela maneira) possam ocorrer, é possível de se mostrar que, dependendo do grupo social a que pertença o indivíduo, ele usará uma ou outra variante, numa dada situação.

Nesse sentido, segundo Heye (1990), no que se refere ao nível de escolaridade, há três variedades lingüísticas: a variedade nativa (apenas oral, definida por baixo ou nenhum nível de escolaridade), a variedade padrão real (oral e definida pelo alto nível de escolaridade) e a variedade padrão normativa (escrita e definida pelo alto nível de escolaridade).

Silveira (1998), tratando da identidade idiomática, no que se refere ao ensino da pronúncia do português brasileiro para estrangeiros, constata, em uma pesquisa realizada com informantes nativos e estrangeiros, que embora haja uma diversidade de variedades/variações de pronúncia no Brasil, há uma unidade de pronúncia que é reconhecida e aceita por falantes nativos e estrangeiros como a mais representativa do português brasileiro. Esta é uma arquinorma televisiva irradiada pela TV Globo, resultante do longo alcance geográfico desta rede de televisão e da sua aceitabilidade por parte dos falantes/ouvintes do português brasileiro, tanto em território nacional quanto internacional, ainda que estes não a usem, efetivamente. Tal arquinorma, “o globês”, é manifestada, especialmente, pelos apresentadores de noticiários da TV Globo.

A descrição realizada por Silveira indica que essa pronúncia foi construída com a neutralização de traços articulatórios específicos de nossas variedades/variações lingüísticas orais, apresentando-se como uma variável mais neutra, com o objetivo de ser amplamente aceita por falantes/ouvintes do português brasileiro, de forma a conseguir um grande público de telespectadores, ainda que estes apresentem variações lingüísticas diferentes. O fato de ter amplo acesso geográfico diário, nacional e internacional, propiciou que essa arquinorma, progressivamente, devido ao “prestígio” que a Globo tem com os telespectadores, instaurasse-se como uma unidade na diversidade de pronúncias dos nossos diferentes grupos lingüísticos sociais e geográficos, pois passa a ser reconhecida por nativos e estrangeiros como a pronúncia mais representativa do brasileiro e, ideologicamente, avaliada com o grau ótimo de aceitabilidade. Nesse sentido, passa a ser, política e ideologicamente, reconhecida, no sentido de contemporaneidade, pelos falantes do português brasileiro como uma pronúncia idiomática.

2. Resultados obtidos das análises das vogais tônicas e pré-tonicas

Os resultados obtidos são relativos a uma variável da variedade oral padrão e indicam que:

2.1. No plano fonológico

Segundo Silveira (1986), o sistema fonológico do português é organizado com 7 vogais orais e 5 vogais nasais, como se pode demonstrar com as seguintes comutações:

pá/ pó/pé; éII/êII; bóla/búla - “pá, pó, pé; ele (letra), ele; bola, bula”;
sãta/ s~éta/ s~íta; tōba/t~úba.- “santa, senta, sinta; tomba, tumba”.

(obs. por falta dos sinais diacríticos, no computador, para a transcrição fonética e fonológica, as vogais nasais (e,i,u) e as orais abertas/fechadas (a,e,o), são digitadas de forma diferente, tentando-se uma aproximação com os caracteres existentes).

Segundo a autora, a língua portuguesa é uma língua de intensidade ou de ictó, de forma a diferenciar duas sílabas fonológicas em contraste: acentuada e inacentuada.

Dependendo da posição do acento, o paradigma vocálico para o nóculo central (C) da sílaba está modificado.

Em sílaba acentuada, o paradigma fonológico vocálico é descrito com 13 vogais, sendo 7 orais e 5 nasais, como já o foi indicado acima.

Em sílaba inacentuada, o paradigma fonológico vocálico está reduzido e é descrito com 3 vogais orais e 3 vogais nasais, devido à neutralização de traços distintivos, deixando, assim, de opor signos em português, nessa posição silábica:

- no caso dos fonemas vocálicos anteriores / é, ê, i/, há neutralização dos traços < grau de abertura e zona de emissão>; assim sendo, tem-se o arqui-fonema /I/, como em: /pIkádU/- “pecado”, /pIkáda/- “picada”.

- no caso dos fonemas vocálicos posteriores / ó, ô,u/, há, também, neutralização dos traços <grau de abertura e zona de emissão>; assim sendo, tem-se o arqui-fonema /U/, como em: /mUdãsa/- “mudança”, /kUmádRI/ - “comadre”.

Logo, poder-se-ia dizer que os dois paradigmas vocálicos (acentuado e inacentuado) são regidos por uma estruturação sistêmica, relativa a uma língua de ictó, que contrasta a sílaba acentuada com a inacentuada.

2.2 No plano fonético das variações : tônicas e pré-tônicas

Há variação sonora para as vogais inacentuadas, em relação às variedades de pronúncia, no Brasil; o mesmo não ocorre para as acentuadas que são realizadas com uma certa frequência.

2.2.1 as vogais tônicas

Os fonemas vocálicos em sílaba acentuada são manifestados, na variedade oral padrão, assim como na referida arquinorma televisiva, “o globês”, por bases articulatórias correspondentes a 12 vogais: 7 orais e 5 nasais, como em:

/á/ - /káza/ - [káza] - “casa”,

/é/ - /séla/ - [séla] - “sela”,

/ê/ - /têma/ - [têma] - “tema”,
 /í/ - /lída/ - [lída] - “lída”,
 /ó/ - /kóla/ - [kóla] - “cola”,
 /ô/ - /tôka/ - [tôka] - “toca”,
 /ú/ - /múda/ - [múda] - “muda”;
 /ã/ - /mãta/ - [mãta] - “manta”,
 /~é/ - /m~êta/ - [m~êta] - “menta”,
 /~í/ - /m~íta/ - [m~íta] - “minta”,
 /õ/ - /mõta/ - [mõta] - “monta”,
 /~ú/ - /f~úda/ - [f~úda] - “funda”.

É interessante observar que em relação a /á/, há uma variável de ordem nacional, sendo realizada pela vogal fechada [â] quando seguida de consoante nasal, como, por exemplo, em: / kâma, lâma, pânU/ - [kâma, lâma, pânU] - “cama, lama, pano”.

Assim sendo, poder-se-ia dizer que a realização fonética da variedade padrão corresponde a uma unidade de base articulatória para cada fonema vocálico acentuado. Há, portanto, uma correspondência com a regra de estruturação sistêmica, na medida em que não há modificação dos traços fonológicos na realização dos sons, mesmo porque, nesta posição acentuada, a modificação de traços distintivos anteriores e posteriores resulta na produção de outros signos, como em:

- anteriores orais : “pelo, pêlo, pilo”,
- posteriores orais: “pólo, polo, pulo”,
- anteriores nasais: “sem, sim”,
- posteriores nasais: “compra, cumpra”.

2.2.2 as vogais pré-tônicas

Os fonemas vocálicos inacentuados pré-tônicos variam em suas realizações na variedade oral padrão e na arquinorma televisiva da Globo; as variações podem estar tanto em relação à regra de estruturação sistêmica quanto em relação ao grupo social que as realiza.

2.2.2.1 em relação à regra de estruturação sistêmica fonológica acentual

A regra sistêmica do icto neutraliza a oposição entre as vogais anteriores / é, ê, i; ~ê, ~i/ e a existente entre as posteriores / ó, ô, u; õ, ~u/.

Assim, no plano fonológico, as vogais pré-tônicas, são descritas por 6 unidades fonológicas (dois fonemas e 4 arqui-fonemas). Todavia, a variedade padrão oral televisiva da Globo é descrita com a realização de 10 vogais pré-tônicas: 5 orais e 5 nasais que são realizadas quase sempre por:

/a/ - [a] - [falád^a] - “falada”;
 /I/ - [ê] - [mêlád^a] - “melada”;
 /I/ - [i] - [sináw] - “sinal”;
 /U/ - [ô] - [môrád^a] - “morada”;
 /U/ - [u] - [furád^a] - “furada”
 /ã/ - [ã] - [kãtád^a] - “cantada”;
 /~U/ - [õ] - [kõtád^a] - “contada”;
 /~U/ - [~u] - [k~upríd^a] - “cumprida”.

Todavia, é possível haver, ainda, variação para /a/ e /I/, dependendo da posição ocupada no contexto fônico:

/a/ - [â, a] - [ânéw, anéw] - “anel” : quando seguida de consoante nasal, a pronúncia varia na realização aberta e fechada;

/I/ - [i, ê] - [istálª, êstálª] - “estala”: quando seguida de “S impuro”, ou seja, em sílaba travada, terminada com /S/; esta pode variar, também, como reduzida inicial, apresentando um ensurdecimento, devido ao baixo número de vibrações das cordas vocais. (cf. Silveira, 1982)

2.2.2.2 em relação à regra de estruturação morfo-fonológica

No que se refere à formação de palavras, Silveira (1995, 1997) discute a classificação mórfica de nossa gramática tradicional ao diferenciar derivação de composição como: a derivação é a formação de uma nova palavra, pelo acréscimo de afixação, sem haver a mudança semântica do elemento lexical; e a composição é a formação de uma nova palavra, pelo acréscimo de uma outra, com a mudança semântica do elemento lexical composto.

Para a autora, não basta o critério semântico-sintático, é necessário considerar o critério acentual, critério morfo-fonológico do lugar do acento, na medida em que este, sistemicamente, é importante para a formação de palavras em português. Estas definem-se, pela juntura interna (derivação), quando há a seleção de um único acento de palavra; e, pela juntura externa (composição), quando há a seleção de mais de um acento. Tal regra é relativa à diferenciação de lexemas e gramemas, em português: no caso do lexema, a palavra apresenta-se com um acento tônico (palavras relativas à designação do que existe no mundo ou à dêixis discursiva); já os gramemas são inacentuados.

Logo, no caso da formação de palavras, as formas derivadas são resgatadas do contínuo sonoro como segmentos silábicos, estruturados morfo-fonologicamente com um único acento: este pode ser selecionado ora no prefixo (ex: “metáfora”), ora no lexema (ex: “pacífico”), ora no sufixo (ex: “casamento”). As formas compostas são resgatadas do contínuo sonoro como a seqüência de segmentos mórficos, estruturados sistemicamente cada qual com o seu acento, relativo a cada segmento lexical (ex: “casa-grande, mesa-redonda”).

Em ambos os casos, há regras sistêmicas específicas para essa estruturação morfo-fonológica. De forma geral, a língua portuguesa, embora selecione 4 posições para o lugar do acento (ex: “café, amado, lâmpada, cápsula”), sistemicamente há preferência pela paroxítona.

Assim, no caso da derivação sufixal, ao se aplicar a regra sistêmica acentual, devido ao aumento de sílabas, pela juntura interna do afixo, a seleção do lugar do acento é, de forma geral, no sufixo. Todavia, também, ocorre no lexema, com sufixos como “ico, culo, ulo” (oceânico, homúnculo, músculo); e no prefixo, como os de origem grega (“paráfrase, metástese”). Como a derivação é descrita pela seleção de um único acento, a regra sistêmica ao ser aplicada na palavra derivada, torna inacentuada a sílaba, anteriormente acentuada, do lexema de base.

Conseqüentemente, no caso das vogais orais pré-tônicas (7 fonemas vocálicos orais, em sílaba acentuada), há, nas formas derivadas, para as anteriores e posteriores, a neutralização dos traços opositivos vocálicos aberto/fechado - ê/ é, ó/ ô (aberto = fechado) e zona de emissão pré-palatal/alveolar, pré-palatal/ pós-palatal - ê/i, ê/ô, é/ó,

ô/u (alveolar=pré-palatal /I/; pós-palatal=velar /U/). Nesse caso, ocorre variação sonora, como, por exemplo:

/ béIU > bilêza/ - [bél^o; bêlêz^a, bêtêza, bilêza] - “belo, beleza”;

/ pó > pUêyra/ - [pó; pôêyra, póêyra, puêira] - “pó, poeira”.

No caso das vogais nasais pré-tônicas (5 fonemas vocálicos nasais, em sílaba acentuada), há para as anteriores e posteriores, a neutralização, apenas do traço opositivo fonológico zona de emissão pré-palatal/ alveolar; pós-palatal/ velar, na medida em que tais fonemas vocálicos não se definem pela oposição do grau de abertura. Assim, pré-palatal=alveolar /~I/ e pós-palatal= velar /~U/. Nesse caso, ocorre variação sonora, como, por exemplo:

/s~êIU > s~ItávU/- [s~ê^o > s~ê^otáv^o, s~étáv^o, s~itáv^o] , “cento, centavo”;

/põtU > p~UtUádU/ - [põt^o > p~ô^otwád^o, p~ót^owád^o, p~utwád^o] , “ponto, pontuado”.

Porém, o mesmo processo derivacional não ocorre com as formas /(z)îñU/, /m~êIU/, /ãw/- “(z)inho, mente, ão”. As palavras formadas com estes segmentos seguem a regra sistêmica da composição, ou seja, a presença de dois acentos o que indica a manutenção dos traços opositivos fonológicos, não havendo neutralização. Nesse caso, as vogais são realizadas como em sílabas tônicas, por exemplo:

/kafé> kafézîñU (mas, kafIzálL)/ -

[kafé> kafézîñ^o (mas, kafêzâw,kafézâw,kafizâw)] - “café, cafezinho, cafezal”;

/pRópRyU> pRópRyamêIU (mas, pRU^opRyedádIU)/ -

[próp^oryu> próp^oryamêIU (mas, prô^opryêdádzi, prup^oryêdádzi)] - “próprio, propriamente, propriedade”.

2.2.2.3 em relação à variável sociocultural

Na variedade oral padrão, a variável da arquinorma televisiva da Globo, freqüentemente, apresenta variações para a pronúncia dos arqui-fonemas /I, U/ que são realizados pelas vogais orais fechadas pré e pós-palatal, por exemplo: [bêtêza, pôêyra] - “beleza, poeira”.

No caso dos arquifonemas nasais /~I,~U/, a variação sonora, freqüentemente, é a realização pela pronúncia das vogais nasais fechadas alveolar, pré, pós-palatal e velar, por exemplo: [~ipási, ~etrád^a, kôtád^a, ~utávew] - “impasse, entrada, contada, untável”.

Nesse sentido, há uma inter-relação entre o sistema fonológico do português e o grupo social onde os apresentadores do Jornal da Globo se inserem, tratando-se, portanto, de uma co-variação de fenômenos lingüísticos e sociais.

Do ponto de vista fonológico, poder-se-ia dizer que os arqui-fonemas vocálicos / I, U, ~I, ~U/ e o fonema vocálico /a/ apresentam variação livre, na medida em que a substituição de uma variante pela outra grau de abertura (aberta, fechada [â, a, é, ê, ó, ô]) e zona de emissão (alveolar, pré-palatal; pós-palatal, velar [i, ê, é; ó, ô, u]), na posição pré-tônica vocálica, não opõe signos, pela comutação.

Todavia, do ponto de vista sociolingüístico, a variação não é livre, mas sócio-histórico-ideologicamente condicionada para a arquinorma televisiva da Globo. Trata-se de uma definição de variações inter-relacionadas com a variedade lingüística escrita, aproximando-se a pronúncia das vogais pré-tônicas com a forma escrita.

Nesse sentido, tem-se, as seguintes variáveis:

- para os arqui-fonemas vocálicos orais, seguindo a regra sistêmica de sílaba inacentuada:

/I/ - [ê, i] : a variação segue a regra ortográfica, por exemplo: /pIdásU, pÍrãw/ - [pêdás°, pirãw] - “pedaço, pirão”;

/U/ - [ô, u] : a variação segue a regra ortográfica, por exemplo: /mUrênU, bUrákU/- [môrên°, burák°] - “moreno, buraco”.

- para os arqui-fonemas nasais, seguindo a regra sistêmica de sílaba inacentuada:

/~I/- [~e, ~i] : a variação segue a regra ortográfica, por exemplo: /~ekõtrU, ~ipásI/-

[~ekõtr°, ~ipási] - “encontro, impasse”;

/~U/ - [~u, õ] : a variação segue a regra ortográfica, por exemplo: /k~upRíR, m~UtáR/ - [k~uprír, mõtár] - “cumprir, montar”.

- para os arquifonemas orais morfo-fonologicamente derivados, pela regra sistêmica:

/I/ - [ê, i] : a variação segue a regra ortográfica, por exemplo: / pé> pIdáL;

fíU> fÍlam~êtu/ - [pé, pêdáv; fíw, filam~êtu] - “pé, pedal; fio, filamento”;

/U/ - [ô, u] : a variação segue a regra ortográfica, por exemplo: / sóL>sUÍáR; púU>

pUÍáVIL/ - [sów, sôlár; púl°, pulávew] - “sol, solar; pulo, pulável”.

- para os arquifonemas nasais morfo-fonologicamente derivados, pela regra sistêmica:

/~I/ - [~e, ~i]: a variação segue a regra ortográfica, por exemplo: /m~êtu> m~ItáL;

bíkU> ~IbIkam~êtu/ - [m~êtsi, m~etáv; bík°, ~ebikam~êtu°] - “mente, mental; bico, embicamento”.

/~U/ - [õ, ~u]: a variação segue a regra ortográfica, por exemplo: / kõtU> kõtáveL;

f~údU> f~udam~êtu/ - [kõt°, kõtávew; f~úd°, f~udam~êtu°] - “conto, contável; fundo, fundamento”.

Ao se relacionar as variáveis lingüísticas da pronúncia da arquinorma televisiva, selecionada e controlada pela Globo, à variável sócio-cultural dos apresentadores de Jornal da Globo, verifica-se uma inter-relação do lingüístico com o nível social e de escolaridade destes apresentadores; além disso, verifica-se, também, o controle de suas pronúncias, por uma variável que se instaura como arquinorma construída e imposta pelo Poder desta empresa televisiva, a fim de atender a seus interesses, ou seja, acesso a um grande número de expectadores, devido à sua aceitabilidade.

Nesse sentido, como se pretendeu demonstrar anteriormente, o número de variáveis é muito amplo para a pronúncia das vogais pré-tônicas, no português brasileiro; todavia, a partir da referida arquinorma, devido ao seu propósito de aceitabilidade e alcance televisivo, há uma restrição das variáveis para as vogais pré-tônicas, sendo estas controladas por regras ortográficas, mesmo porque a fala oral de tais apresentadores de Jornal televisivo é resultado da leitura rápida e programada de textos escritos pela redação-chefe do Jornal.

Frente ao exposto, poder-se-ia dizer que, devido à Globo ter amplo acesso ao público por ser altamente divulgada, este canal televisivo impõe uma unidade de pronúncia para as vogais pré-tônicas, na diversidade de variedade/variações de pronúncia dos brasileiro. Tal unidade, apresenta-se como uma restrição das variáveis que passa a ser reconhecida, em nossa contemporaneidade, por falantes nativos e

estrangeiros como uma identidade idiomática da pronúncia do brasileiro, na medida em que é ideologicamente avaliada como grau “ótimo” de aceitabilidade do público.

3. Discussões

Tratar da pronúncia idiomática do brasileiro requer multidisciplinariedade, na medida em que esta pode ser examinada sob vários prismas. Os resultados obtidos apresentados demonstram tal complexidade e podem ser discutidos a partir não só da inter-relação do lingüístico com o social, mas, também com o cognitivo, ideológico e o histórico, a fim de se dar conta de uma escala avaliativa onde a pronúncia idiomática está situada no grau <<ótimo>> (cf. Silveira, 1998) de aceitabilidade para uma variável de prestígio (arquinorma) que se torna uma unidade imaginária na diversidade de variações lingüísticas de pronúncias brasileiras.

No que se refere ao prisma lingüístico, as vogais pré-tônicas podem ser descritas por bases articulatórias que se apresentam como variáveis reduzidas em relação às variedades/variações de pronúncias brasileiras. As bases articulatórias, segundo Silveira (1982), são fenômenos articulatórios de constância, resultantes do cancelamento de variações individuais e/ou grupais; trata-se, portanto, de um conjunto de hábitos articulatórios que por parte do ouvinte é sempre reconhecido no contínuo sonoro da fala. São tais bases articulatórias das vogais pré-tônicas, como se pôde constatar é que explicam, em parte, o critério de aceitabilidade por parte do público nacional e internacional.

No que se refere ao prisma social, a pronúncia descrita das vogais pré-tônicas, seguindo a posição de Callou (1987), mantém uma inter-relação do sistema da língua com o grupo social que se define por variáveis específicas. Os apresentadores de noticiários da Globo são membros do grupo social, caracterizado pelo alto nível de escolaridade e suas variáveis podem ser explicadas pelo controle do oral, através do escrito; assim, as variáveis das vogais pré-tônicas, de forma geral, seguem a regra ortográfica. Trata-se da variedade padrão normativa que controla a variedade padrão real, nos termos de Heye (1990).

No que se refere ao prisma cognitivo, as bases articulatórias da pronúncia da arquinorma televisiva da Globo constroem, para seus telespectadores, representações mentais sonoras-tipo que ficam armazenadas em suas memórias de longo prazo, social; estas são ativadas para suas memórias de trabalho durante a construção da representação sonora-ocorrente, no momento da identificação sócio-lingüística daquele que lhes fala.

Conclusão

Dias (1993), ao tratar da idiomaticidade, apresenta-a como relativa a um sujeito empírico, um sujeito que se situa a si mesmo e ao outro em relação a um tempo e a um espaço. É em relação a este sujeito que a língua é percebida como idioma. Assim sendo, a concepção de idiomaticidade está relacionada à de contemporaneidade.

Nesse sentido, pelo que se pretendeu demonstrar, a pronúncia dos apresentadores de noticiários da Globo, propicia um conjunto de hábitos articulatórios para seus telespectadores, além de representações mentais sonoras que ficam armazenadas em suas memórias de longo prazo.

Logo, dando continuidade à pesquisa que vem sendo realizada, será possível de se apresentar uma contribuição mais sólida para o ensino da pronúncia do português brasileiro enquanto identidade idiomática.

Claro está que é necessário saber qual pronúncia o aluno quer aprender; todavia, a pronúncia idiomática sempre deverá ser apresentada em sala-de- aula, através de gravações e de reproduções acústico-articulatórias, a fim de se propiciar ao aluno uma forma de reconhecimento do grupo sociolingüístico onde está sendo introduzido pelo professor.

Bibliografia

- Callou, D. M. I. - *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Col. Teses, Rio de Janeiro, Proe/UFRJ, 1987.
- Cardona, G.R. *Dizionario di linguística*. Roma, Armando, 1988.
- Dias, L. F. - *Os sentidos do idioma Nacional- as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas, Pontes, 1993.
- Heye, J. - “A importância da Sociolingüística no ensino da língua portuguesa”. *Sociedade, Cultura & Língua*, org. de Linalda de Arruda Mello, Shorin: CCHLA. FUNAPE.UFPb, 1990.
- Silveira, R. C. P. da - *Estudos de fonética do idioma português*. São Paulo, Cortez Edit. 1982.
- _____. *Estudos de fonologia portuguesa*. São Paulo, Cortez Edit., 1986.
- _____. “Aspectos morfo-fonológicos de formas nominais derivadas em português”. ANAIS do IX Encontro Nacional da ANPOLL, João Pessoa-Pb, ANPOLL, vol.2- Lingüística, 1995.
- _____. “A questão acentual em língua portuguesa”. *Diversidade Fonética no Brasil- pesquisas regionais e estudos aplicados ao ensino*. Org. de Vanderci de Andrade Aguilera, Londrina, Edit. da UEL, 1997.
- Schuchardt, H. - *Gegen die junggrammatiker*. Berlin, 1885.